Versos Avulsos

Larissa Marques

à Pagu e a
Oswald de Andrade

Uma prosa de Pagu

Veio de longe a saudade que sinto. Brotou do fundo de um sentimento cansado de esperas vãs, de partidas certas, de transições dolorosas.

Tombam meus olhos febris, na ânsia de uma estabilidade vencida, falha, rotineira, mas mesmo assim, desejada.

Porque não sou como as outras? Porque padeço desse mal que assola minha alma?

Talvez por já saber do roteiro da existência, talvez por não acreditar em deuses ou demônios, quem sabe por entender a alma humana.

Quando vejo-me biltre, refletida no espelho da sala, não me assusta mais essa imagem, de uma mulher de pedra, que teima em sorrir, que tenta se enganar, mas que carrega um coração de carne que se dilacera ao vê-la entregue a esse mundo de aparências.

Sinto falta de mim, para que?

rasga em mim inquietude de Pagu
que envolve minhas viscosidades
e preconiza a força de um ser em ebulição
quero gritar, e me calo
a palavra que me salvou de mim mesma
tomou-me a fala
consumiu-me em cada letra
quero-te leitmotiv
não tenho mais poesia.

violo regras de conduta
sou peão na lida
homem já sentiu meu facão
não sou menina moça
que chora no portão
aprendi muito cedo
a não ter medo, nem coragem
olhar com desprezo
ser mais um na multidão

no seio da massa
não há o que eu não faça
sou vadia, desgraçada
mas eu me garanto
olhos de rapina
versos na surdina
na ponta do rufião
ganho a vida
e na boca do malandro me perco.